

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III

LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1918

N.º 57

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$40 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE .. 570 || ANO 3\$00

NÚMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337 C. — LISBOA

O TURISMO DEPOIS DA PAZ

SEGUNDO todas as previsões, a paz avizinha-se, e será um facto dentro de pouco tempo. Cessarão então as hostilidades, em que as armas se consagraram a par das manifestações canibalescas de espiritos selvagens, e o fumo dos canhões cederá lugar ao que as chaminés dos grandes vapores e dos comboios internacionais expulsarão em mirabolantes espirais no espaço já liberto das correntes opressoras.

Termina, pois, o enervamento guerreiro; mas uma outra luta se iniciará — a guerra económica, em que todos os povos se lançarão, porventura com maior energia e com não menos entusiasmo, pois que, se se batalhou para a manutenção da própria independência, indispensável e urgente é assegurar a, vitalisá-la e desenvolver a de forma a produzir as compensações suficientes para os abalos que acabou de sofrer.

Essas compensações serão extrahidas principalmente do esforço do homem, mais ainda do que das condições naturais de cada paiz e das circunstancias do momento.

O commercio, as artes e todas as explorações das industrias vitais são as armas da nova luta, em que a tactica militar é substituída pela astucia, pela sagacidade, pela intelligencia e por todos os recursos ao alcance dos que preferirão vencer, glorificando-se no trabalho e dignificando a sua Patria, a serem absorvidos pela concorrência que não terá limites, como não escolherá meios.

Então, cada nação valerá mais pelo esforço dos seus próprios filhos, do que pelas suas naturais condições.

O turismo será, sem duvida, a industria que, logo que esteja assegurada a viabilidade das viagens, primeiramente será explorada, porque não precisa da preparação da materia prima, visto esta existir em grande e profusa quantidade. Só é necessario dar acesso as suas minas — o que é bem mais facil do que a condução do metal que houvesse de se lhes extrahir.

Essas «minas» serão os campos de batalha, as cidades arrazadas pela furia d'um desmedido interesse, os paizes — enfim — que mais sofreram com a cruenta guerra que exterminou meio mundo durante o longo periodo de quatro anos, na onda insaciavel de odios, de egoismos e de supremacias.

Assim, os campos da Flandres, dos Vosges, dos Balkans, toda a heroica e ao mesmo tempo luctuosa linha de combate — quer na frente occidental, quer no extremo oriente da Europa — são motivos mais do que bastantes para a atracção dos que, podendo facilmente satisfazer os seus caprichos e os seus desejos, ansiosamente esperam a oportunidade de realisá-los. E por sobre esses mesmos campos, onde a terra se estará alentando com a decomposição dos cadaveres dos heroicos soldados, vagueará uma onda de curiosos, que constituirão a população cosmopolita, que com bastante intensidade povoará a Europa durante alguns mezes.

Mas não basta esses mais do que atrahentes motivos para movimentarem a população mundial que, tendo-se emocionado com as mais hesitantes fases da luta prestes a terminar, agora aneia pela occasião de poder verificar de visu o que teria sido o palco d'esse theatro imenso onde tantas e variadas paginas dramaticas se desenrolaram, na representação da mais he-

dionda peça da vida. Por muito entusiasmo que esses motivos despertem, eles não são, todavia, suficientes para produzirem os resultados que ha a esperar da exploração a que se prestam; e assim o comprehendem os povos interessados n'essa exploração, a tal ponto que, certamente, na devida oportunidade, apparecerão como por encanto, todos os complementos absolutamente indispensaveis para que os curiosos visitantes dos campos de batalha tenham, a par d'uma completa historia do que em cada uma das frentes se passou, as comodidades de instalação, facilidades d'acesso e tudo o mais que possa seduzir, suavizando os incomodos que porventura pudessem existir.

Simultaneamente exhibir-se-hão os reclames de toda a ordem que possam induzir o estrangeiro a demorar-se na terra estranha; e os anuncios das mais phantasticas coisas, assim como os de todas as estações de cura, de recreio ou de estudo, perpassarão, alguns de novo, outros repetindo-se, n'uma fita ininterrupta ante os olhos avidos dos circunstantes, sedentos ainda de maiores emoções, de mais fundas e sentidas sensações, ou simplesmente desejosos de encontrarem um abrigo comodo para o repouso do seu espirito, já arrebatado pelas comoções sofridas.

E então, mais uma vez, o esforço do homem se mostrará pela habilidade em conduzir — quer uns, quer outros — aos pontos que, durante a tremenda luta, foram o campo da sua acção vitalissima para a recepção dos visitantes após o exame dos vestigios da guerra.

Mas se os seus resultados são já previstos como excedendo toda a expectativa, não se diga que eles representarão apenas a consequencia das emergencias; mas, sim, o producto do trabalho insano a que se dedicaram

aqueles que, não podendo defender a independência da sua pátria pelo manejo das armas, cuidaram da sua defesa futura enquanto os seus irmãos se encarregavam de a libertar.

Isto fez-se—e ainda se está fazendo na França e na Itália.

Os outros países que por reflexo também hão de ser interessados no movimento intenso que o turismo ha-

de assumir depois da guerra, taes como a Suíça, a Hespanha e o lindo principado de Monaco, não tem descurado de estudar os meios do aproveitamento da onda humana que inundará a Europa logo que ela seja acessível a todo o mundo.

Só Portugal continuará—como sempre—esperando que... o turismo lhe caia do Céu aos trambolhões.

O TURISMO EM PORTUGAL

A TRANSFORMAÇÃO DE LISBOA

A propósito de um empréstimo de quinze mil contos que a administração da Caixa Geral dos Depósitos ofereceu à Câmara Municipal de Lisboa, para dotar a nossa capital com diversos melhoramentos destinados, principalmente, a engrandecê-la aos olhos dos estrangeiros, quasi—senão todos os jornais alfacinhas, se explanaram em considerações sobre a industria do turismo, em geral, e alguns sobre a sua exploração no nosso Paiz, em especial.

Devemos, primeiramente, referir-nos a essa iniciativa, que é muito sympathica, a todos os titulos; e, por isso, juntamos jubilosamente os nossos louvores aos justos encomios que a imprensa cittadina dirigiu, por esse facto, à patriótica administração d'aquella prestimosa entidade.

Realmente, a nossa primeira cidade precisa de ser melhorada—ou por melhor dizer—beneficiada com diversos melhoramentos que, sem duvida, em muito contribuirão para o seu embelezamento, e—muito especialmente—para deixarmos de ser classificados com o labeu de «selvagens» pelos muitos vandalismos que estão bem patentes á vista—alguns, tolerados ainda por uma inexplicavel licença.

Não precisamos de, mais uma vez, aqui assinalal-os. Basta dar uma volta pela cidade, para se apreciarem, e se constatar, infelizmente, a incuria que tem havido por parte das corporações administrativas no desempenho das suas funções, e a noção que elas teem tido do mais caro sentimento d'um povo, que se traduz simplesmente pela palavra *patriotismo*.

D'entre os melhoramentos indicados pela administração da Caixa Geral dos Depósitos, a que deve ser aplicado o empréstimo que ofereceu, figura a construção d'um grande hotel, no Parque Eduardo VII. certamente destinado ao alojamento dos estrangeiros que nos

venham visitar; hotel cuja construção deverá ser moldada sobre os planos dos que de mais riqueza em luxo e conforto se teem edificado lá fóra.

E' esta uma indicação criteriosa e de bastante proveito, não só para a cidade, como para a empresa que se proponha explorar esse hotel, sob as mais honestas e sãs condições.

Não ha duvida de que um factor principalissimo para o desenvolvimento do turismo, é o hotel. Este é um dos ramos d'essa portentosa industria que mais cuidados tem merecido aos que incumbem a ardua e espinhosa missão de dirigir, tanto na França, como na Suíça, na Alemanha e, tambem, na Itália, os serviços de vilegiatura; sendo o seu bom funcionamento considerado parte integrantissima de todo o machinismo turistico.

Em Lisboa, apezar de haver muitos hoteis, nenhum d'elles—talvez com uma rara excepção—pode competir com os grandes hoteis de turismo das principaes cidades civilisadas, como Madrid, (que hoje possui já dois bons hoteis) Paris, Londres, Vienna, Berlim e em quasi todas as cidades da Suíça, onde o movimento de estrangeiros, antes da guerra, todos os anos registava um progressivo augmento.

Porem, o já avultado numero de hoteis que ha em Lisboa mostra ser, todavia, insufficiente para o movimento que a nossa cidade já oferece, nas relações internas do Paiz.

Não é, pois, demais que se procure construir um outro hotel, principalmente se ele se destinar ao alojamento de estrangeiros da mais alta gerarchia social, para o que deverá satisfazer a todos os requisitos indispensaveis.

Isso, porém, não basta, como attractivo, para conseguirmos ter em Portugal uma intensa população fluctuante cosmopolita. Ela ha de aqui vir um dia—assim o esperamos—não, simplesmente, pela comodidade que os nossos hoteis possam porventura vir a oferecer, mas por um conjunto de

facilidades, por uma conjugação de seducções, por uma multiplicidade de atractivos sem o que qualquer esforço isolado torna-se inutil.

A industria do turismo não vive só de hoteis, como não se alimenta unicamente das belezas naturaes ou dos artificios que se possam explorar.

Ela é muito complexa; e a sua complexidade tem sido por nós evidenciada n'estas columnas, em successivos artigos, demonstrando claramente que, se não houver uma natural conjugação de todos os factores que lhe dão ser, não são, apenas, os motivos dispersos que a podem alimentar, nem, tampouco, contribuir para o seu desenvolvimento.

De que servirão bons hoteis, se não houver facilidades de comunicações terrestres e maritimas, de acesso aos pontos de turismo; comodidades na viação interna; rapidez nos serviços dos portos de mar e da alfandega; nos correios e telegrafos; boas estradas; bons casinos; optimas thermas; esplendidos restaurantes; atrahentes theatros; eliminação da mendicidade; profusão de artigos nacionaes e de todas as grandes e pequenas coisas em que se manifestam as artes, o commercio e a industria?

Todo o estrangeiro que viaja por recreio ou por negocio, tem dinheiro sufficiente para satisfazer os seus caprichos; e estes são sempre os mais exquisitos e inesperados. Não sabe, mesmo, muitas vezes, explicar o que deseja; mas acolhe com grande entusiasmo o que se lhe apresenta e que, para ele, constitua uma novidade.

Portanto, para o atrahir só ha que mostrar-lhe o que ainda não tenha visto, facilitando-se-lhe esse exame com vantagens senão superiores, pelo menos eguaes ás que ele está habituado a disfructar.

Ora, n'este capitulo de vantagens é que estamos ainda muito longe de podermos corresponder aos habitos dos estrangeiros viajados, e elas não poderão dar a satisfação desejada enquanto não se pensar a serio na organização dos serviços de turismo em o nosso Paiz.

Essa industria tem de seguir a ordem natural de obediencia ás leis fundamentais de administração para que os seus resultados não sejam negativos. Por isso indispensavel é que tenha uma direcção superior, d'onde irradie a conjugação harmonica dos seus membros a fim de que os esforços individuaes não resultem nulos.

De contrario, nada se conseguirá.

Estas considerações—aliás já expostas e repizadas n'estas columnas

— foram-nos sugeridas mais uma vez pela patriótica oferta a que acima nos referimos; á qual, porém, a Camara Municipal de Lisboa não se dignou dar uma resposta positiva—talvez por estar ainda pensando como ha de remover de junto da famosa Torre de Belem o já celebre gazometro da não menos celebre Companhia do Gaz, afim de fazer o prolongamento da Avenida da India, a que é destinada uma parte d'esse avultado emprestimo.

Não é este, porém, um dos melhoramentos de maior utilidade e de mais facil realisação. Ele não depende simplesmente da ação da edilidade alfacinha; e isso, já de per si—atentos os obstaculos burocraticos que são sempre a barreira inexpugnável de qualquer tentativa, é motivo para o tornar quasi inviável.

Outros e de bem mais alto interesse, se nos afiguram imprescindíveis: como arrancar as manchas negras que estão empanando o brilho da nossa cidade. Esses, infelizmente em grande numero, são precisamente os que mais actuam na apreciação que os estrangeiros fazem a nosso respeito, por estarem expostos—como amostras—no caminho que eles seguem ao desembarcar em os nossos entrepostos.

Para o arrazamento d'esses monturos e para a conservação dos pavimentos das ruas de Lisboa, é que devia ser consignada uma parte do referido emprestimo, a ser aceite pela Camara Municipal, e dado que esta venha a pensar em cumprir a missão que obrigatoriamente lhe incumbe.

Desconfiamos, porem, que fica tudo apenas no papel e dentro do ambito das phantasias. Não mais se voltará a falar no assumpto, que, d'aqui a meia dúzia de dias, já se acha archivado nos escaninhos do esquecimento.

E assim ha de succeder a todas as iniciativas, até que um dia a politica ceda o logar á competencia, e as coisas venham a ter a feição que devem ter.

Emquanto cada entidade se arrogar o direito de se imiscuir desastradamente n'aquilo para que não foi creada nem tem competencia, nada nos tirará d'este cahos a que um molino destino nos conduziu e d'onde sahiremos só por um milagre da Graça Divina.

Para que o trabalho seja proficuo, é apenas preciso que ele seja exercido por quem tenha competencia para isso.

José Lisboa.

EXPEDIENTE

Ainda por motivo da irregularidade com que ultimamente a Companhia do Gaz e Electricidade tem fornecido energia electrica. Somos, mais uma vez forçados a atrasar a publicação da nossa Revista: razão porque o presente numero é distribuido depois do seu dia habitual.

Que os nossos amigos, leitores e anunciantes nos revelem mais esta involuntária falta.

FITAS PORTUGUESAS

DO VOUGA Á SERRA DA ESTRELA

A Companhia do Caminho de ferro do Vale do Vouga oferecera-nos, tambem, um comboio especial, que aproveitámos na parte mais interessante, e mais acidentada da linha—de Sarnada a S. Pedro do Sul.



CALDAS DE MANTEIGAS

Novamente o vagão plataforma foi colocado á frente da machina, e partimos.

Logo á sahida, meia dúzia de kilometros percorridos, estacámos; é que para a cinematographia, como para a photographia, ha uns pequenos nadaes que são tudo. A's vezes um pinheiro desabando sobre o rio, pondo uma mancha de sombra na brancura da estrada, dá um efeito de beleza, superior mil vezes a uma paisagem que nos deslumbra a vista pelo conjuncto irrequeto d'uma frondosa mata. Pois estacámos, porque as varias faxas de paisagem da vizinhança da famosa ponte do Poço de Santiago, fizeram-nos fazer evoluções para que a retenção se realisasse com proveito.

Na subida para Oliveira de Frades, da mesma forma parámos a cada momento, porque o caminho de ferro, abrindo trincheiras, perfurando montes e formando aterros, desenrolava-nos uma paisagem tão seductora, tão bela, que fazia exaltar de admiração o operador, e a mim de orgulho pelo elogio feito á nossa terra.

Devo aqui acrescentar que, na minha qualidade de photographo-amador, mas de reputação apenas domestica, uma coisa aprendi n'esta viagem e que, sem premio de ensino, aqui a divulgo.

René Moreau, tirava, para a importante casa *Richard*, umas pequenas photographias para verascopio, e escolhia, de preferencia, pequenos moti-

vos, ás obras d'arte ou aos grandes ranchos de raparigas do campo tão familiares dos nossos photographos amadores. Dois pinheiros, uma casa rustica, uma cabeça de rapariga, um perfil de mocetona bonita, davam-lhe

mais interesse que esses outros quadros de verdadeira grandeza florestal ou monumental. E depois tive a confirmação das lições de René Moreau:—quanto mais simples era a photographia, quanto mais bela era através das lentes ampliadoras.

Chegámos a Vouzela; e a garrida vila beirã, como uma rosa desabrochada d'um grande calix

de verdura, deu-nos aspectos de todas as fórmias, como já o tinham tambem dado todas essas terras do percurso, denegridas pelo rolar dos anos, mas onde a egreja parochial e a casa do lavrador rico, arrebicada em chalé suíço, contrastavam como alvas manchas de cal.



POÇO DO INFERNO

De Vouzela para o Banho e do Banho para S. Pedro todos os vergeis, todos os arroyos cantando entre fetos e verduras altas, foram cinematographados, como o tambem foi a vasta

lagão do Vau, onde o Vouga se represa e se dilata.

Em Vizeu, poucas horas nos detivemos n'esse magnifico *Hotel de Portugal*; e mal amanheceu, saltámos para a rua. Estava uma manhã enovoadada e só mais tarde, já com o grande auto da carreira de Mangualde á espera, pudemos cinematographar a vetusta Sé, estando o exímio cavaleiro tauromachico sr. Manuel Casimiro, no 1.º plano a fazer evoluções em alta escola, montando um soberbo corcel.

Ainda hesitámos no caminho para a Serra, por Mangualde ou por Nelas. Por aqui era tentador; podíamos ir ás

neto, o cão e o burro, que representou um importante papel de figurante.

Gouveia estava em festa. Tinham ali mais do que em outra terra, compreendido o alcance da cinematographia para a divulgação das suas belezas, e sobre tudo da sua serra, que lá no alto aguardava a nossa chegada.

No outro dia fomos a Ceia, S. Romão e a Valezim, com imenso proveito para a nossa tarefa. Ceia é das vilas mais graciosas de Portugal. O seu casario branco, a subir até ao alto do monte, que a igreja parochial domina, altaneira, como uma cegonha, e o verde silvestre que a guar-

ras, a enroscar-se languidamente pela montanha, deixando-nos aos pés um panorama vasto e grandioso; mas aí de nós! aquela beleza incomparavel não podia ser retida pelo aparelho, a lente não a abrangia.

Na Serra trabalhámos a valer. Organizou-se uma caravana, e na manhã seguinte partimos para os Barros Vermelhos, onde uma barreira invencível de neve, defendeu os Cantaros á nossa curiosidade.

No entanto, trabalhámos muito, e com aspectos curiosos em que não faltavam as scenas comicas dos *ginefes* da Serra, cahindo sobre a neve, os pastores com o seu rebanho, os serranos com ceifões e capas de palha, o cão de grossa coleira de bicos, em suma toda a comparsaria serrana.

Fomos a Manteigas, com a caravana reduzida aos srs. Dr. Athayde, Dr. Fausto Donato e Dr. Manuel de Sousa Pinto, o brilhante escriptor, de cuja viagem tirou conclusões para um livro, que se rá de certo, mais um belo volume da sua prosa insinuante.

E era um gosto ver os encarapitados nos fragaredos do Poço do Inferno, que a manhã chuvosa e aspera tinha ainda tornado mais crueis

e mais sinistros.

GUERRA MAIO.



Caldas da Felgueira; o Mondego, oferecer-nos-hia motivos curiosos; mas consultado o *stock* de *films* tivemos que optar pela via directa, e marchámos para Mangualde e d'ahi no comboio para a estação de Gouveia, que de Gouveia só o nome tem, pois está longe da vila 15 kilometros.

O dia tornara-se semi-nub'ado, e quando o sol apparecia deitava sobre o vale do Mondego umas manchas claras que illuminavam os grossos massos de granito escuro, polvilhando tudo de cor.

Em Gouveia eramos aguardados pela Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela, com o sr. Pedro Botto Machado á frente, e á frente dele o volante do seu magnifico automovel.

Fomos a Meio, uma garrida povoação na aba da Serra, com o casario refulgindo do sol que descia; e na volta, junto a uns moinhos, sobre a estrada, assestou-se a machina, apparecendo o moleiro, a mulher, o filho, o

nece, dão-lhe tanta ridencia, que nos parece uma d'essas pequenas terras feitas de cartão, imaginadas por artistas, para as crianças receberem na chaminé, junto ás botas desabotoadas na sagrada noite do Natal.

A S. Romão e a Valezim fomos de fugida, e a correr fizemos um «film» interessante e curioso. O aparelho colocara-se sobre o automovel que corria vertiginosamente pela estrada, áquella hora de sol a pino, onde os pinheiros redondos como cogumelos, punham largas manchas de sombra, e assim com esta scena feita a manivela da machina por uma boa meia legua, girou sem cessar fazendo uma retenção interessante.

N'essa tarde partimos para a Serra da Estrela. Tinha-se juntado outro automovel de Coimbra, que os srs. Napolos & C.ª ofereceram: um magnifico carro de 10 logares, guiado por mão de mestre.

Subimos a estrada, sem verdu-

Supressão de comboios

CONSTA-NOS que vão ser suprimidos mais comboios nas principais linhas ferreas do paiz.

Custa-nos a crêr, mas é verdade, agora que estamos a dois passos da tão desejada paz, é que se retiram da circulação os melhores comboios.

Dizem-nos que o motivo é a falta de materiaes para reparações das machinas, mas se assim é, o que é muito para atender, dá-nos a idéa, que se a guerra durasse mais um ano ou dois ficaríamos reduzidos a zero.

Mais nos consta que o gravissimo assumpto foi presente ao governo, e até lá guardaremos as nossas considerações.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

ARTE E LITERATURA

A PINTURA PRIMITIVA EM PORTUGAL

Os quadros de Nuno Gonçalves datam da segunda metade do século XV (cerca de 1460). Não são muito numerosos, nem igualam aqueles, e revelam ainda, em parte, influencia italiana, os quadros, até agora encontrados, que correspondem aos quarenta ou cinquenta annos que separam a obra de Nuno Gonçalves das que pertencem aos primeiros annos do reinado de D. Manuel. Nestas, é já preponderante a influencia da arte flamenga. Observa o sr. dr. José de Figueiredo que, quando a Italia, esquecendo os princípios de Giotto, abraça os canones deslumbradores, mas perigosos, do classicismo, os nossos pintores, fieis á tradição naturalistica, voltam-se, decididamente, para a arte neerlandesa.

Datavam, pôde afirmar-se, como já dissémos, do começo da monarchia as nossas relações politicas e commerciaes com a corte de Borgonha e com as cidades neerlandesas; Jean van Eyck, como também já recordámos, esteve entre nós em 1428-1429; outros pintores flamengos vieram a Portugal, ou para Portugal; foi larga a importação de quadros dos mais notáveis pintores de Flandres e Brabante; desde os fins do século XV artistas portugueses estudavam, a expensas da fazenda real, com os mais reputados mestres neerlandeses, como, por exemplo, Quintino Matsys, — uma das mais prestigiosas figuras da escola de Autuerpia. Documentos divulgados pelo sr. Joaquim de Vasconcellos registam nomes de artistas, nossos contemporaneos, que trabalhavam em Flandres, como *Edward Portugalys*, — sem duvida um português de nome Duarte — que, em 1508, foi proclamado *mestre* na confraria de S. Lucas de Autuerpia. Nos museus da Belgica, figuram (ou figuravam antes da guerra) quadros não classificados, que podem, com toda a plausibilidade, ser attribuidos a portugueses.

Apesar, contudo, da intensidade com que se exerceu, em virtude das circumstancias expostas, a influencia da arte neerlandesa sobre a nossa, pôde afirmar-se, com auctorizados criticos estrangeiros, como Robinson,

Ceuleneer, Yriarte, Krönig, Justi, Verlant, Bredius, Holroyd, Bertaux e outros, que houve em Portugal uma escola de pintura, sufficientemente particularizada. No entender do eminente professor Karl Justi, o que distingue os quadros dos artistas portugueses



Vasco Fernandes (Grão Vasco)

«S. PEDRO»



Cristóvão de Figueiredo

«A DEPOSIÇÃO DE CHRISTO NO TUMULO»

«é o modo de sentir os assumptos, de traduzir a historia sagrada num realismo repassado de poesia, que transforma a lenda religiosa em episodios da vida familiar; é a caracterização das physionomias, o gesto,

o dialogo e a mimica peninsular; é a paisagem, a luz e o ar, a natureza meridional, enfim; é a architectura e a habitação humana, o vestuario e os accessorios».

Houve, pois, uma *escola portuguesa* de pintura, que pôde, talvez, definir-se — «a pintura flamenga vista através do temperamento português». Mas, se é admissivel a expressão — «*escola portuguesa*», não o é a expressão, outrora corrente e ainda hoje alguma vez empregada — «*escola de Grão-Vasco*».

E' necessario não considerar esse artista como o fundador de uma escola, da escola portuguesa; é necessario não centralizar em Viseu, onde elle trabalhou entre 1512 e 1543, toda a nossa actividade artistica. Lisboa foi, sem duvida, o foco mais importante, e o proprio Grão-Vasco (Vasco Fernandes) aqui se educou. Só na decoração da Casa da Relação empregou D. Manuel, por muito tempo, numerosos artistas, como Francisco Henriques (que Sousa Viterbo supõe, — talvez infundadamente, — ser flamengo e que parece ter sido o director), Garcia Fernandes, Christovam de Figueiredo, Gregorio Lopes, Gaspar Vaz, etc. O inspector, como hoje diríamos, — o *vêdor*, como então se dizia, — de todas as obras de pintura devidas

á larga iniciativa do *afortunado* monarcha era, por 1512, Jorge Affonso, que tinha em Lisboa, junto ao convento de S. Domingos, uma officina, onde trabalhavam numerosos artistas. A esse pintor, que, segundo Bertaux, parece ter sido um verdadeiro chefe de escola, o chefe da escola de Lisboa, attribuem-se: — o retabulo da capella-mór da sé de Viseu, cujos quatorze paineis fazem hoje parte do Museu *Grão-Vasco*, dessa cidade, e o retabulo de S. Francisco de Evora, do qual existem todos ou quasi todos os paineis no Museu Nacional de Arte Antiga. E' flagrante a analogia entre esses dois polypticos. Em ambos se observam a mesma technica, muito especial, os mesmos detalhes de desenho. Se não são de Jorge Affonso, são de Francisco Henriques, porque, a julgar por elucidativas referencias documentaes, esses dois artistas eram os mais considerados do tempo de D. Manuel, e os retabulos alludidos são, incontestavelmente, obras de um grande artista.

Da escola de Lisboa proveem, igualmente, o retabulo de Santa Auta, da igreja da Madre de Deus (Lisboa), de

que existem alguns painéis no arcaz da respectiva sacristia, e existia um no palácio das Necessidades; o retábulo do altar-mór da mesma igreja (do qual se encontram no côro superior algumas composições) e a serie, denominada *de S. Bento*, do Museu Nacional, que parece serem do mesmo artista, porventura Gregorio Lopes; as series *do Paraíso e de Sant'Iago*, também do Museu Nacional; os quadros das igrejas de Jesus, de Setubal, de S. João Baptista, de Thomar, e de Ferreira; o retábulo (incompleto) de Santa Cruz de Coimbra, de que se encontra um painel (o central) na sacristia dessa igreja e tres no Museu *Machado de Castro*, dessa cidade, e qua é obra de Christovam de Figueiredo; o polyptico de Tarouca, obra, talvez, de Gaspar Vaz, etc.

No norte do país, onde os artistas viviam mais isolados, o realismo foi mais persistente do que em Lisboa, onde o estylo, o maneirismo, a preocupação de imitar pintores estranhos, que entre nós trabalhavam ou cujas obras eram importadas, tendiam a afastá-los do naturalismo. A escola do norte, derivada, embora, da de Lisboa, distingue-se, pois, della. Os seus tres corypheus são:—o auctor do *S. Pedro* de Tarouca, artista de merito, cujo nome desconhecemos; o pintor, igualmente notavel, que assignou com o nome *Velascus* ⁽¹⁾ o *Pentecostes* que se admira na sacristia de Santa Cruz de Coimbra, e Vasco Fernandes, auctor dos quadros *S. Pedro*, o *Baptismo de Christo*, o *Pentecostes* e o *Martyrio de S. Sebastião*, da sacristia da sé de Viseu; da *Crucifixão*, hoje encorporada no Museu dessa cidade, e dos doze quadros menores (*predellas*) que também se encontram na referida sacristia.

Vasco Fernandes.—o Grão-Vasco —foi, muito provavelmente, discipulo de Jorge Affonso. Num contracto celebrado em 1515 entre este artista e os frades de S. Domingos de Lisboa, uma das testemunhas foi *«Vasco Fernandes, pintor, morador em Viseu»*. A presença de Vasco na officina de Jorge Affonso torna, de facto, muito plausível a hypothese de ter alli feito a sua educação. Vasco Fernandes foi pintor habil e fecundo. Conservando ainda as características da pintura denominada *gothica*, revela já, na technica, a influencia italiana. E' um artista que não acompanhou inteiramente a evolução que se realizava. Os seus quadros caracterizam-se por um certo archaismo.

(1) Forma alatinada de *Velasco*. E', talvez, um dos pintores portugueses citados em documentos flamengos:—*João de Velasco*.

Durante o curto reinado de D. João II e parte do governo de D. Manuel, Evora foi, por muitas vezes, residencia da corte; e, quer então, quer posteriormente, desenvolveu-se alli uma intensa actividade artistica, de que, ainda hoje, tantos vestigios se encontram na historica e typica cidade do sul. A pintura tomou em Evora um caracter especial, mercê da luz quente da região. Esse caracter encontram-no os leitores frisantemente documentado nos quadros de Frei Carlos, do Museu Nacional de Arte Antiga. Frei Carlos era um pintor flamengo, que professou em 1517, com esse nome, no convento do Espinho (arredores de Evora).

As nossas relações com a Italia (directamente e por intermedio da Hispanha, senhora, então, de parte dêsse



Jorge Affonso

«A VIRGEN DAS NEVES»

país); a entrada em Portugal, desde o inicio do Renascimento, de obras de grandes artistas italianos; a permanencia, entre nós, de outros, como André Contucci (*o Sansovino*); as viagens de Francisco de Hollanda, que se demorou na Italia cerca de dez annos; a ida de alguns pintores nossos áquelle país, a expensas de D. Manuel e D. João III, para alli se aperfeiçoarem na sua arte,—todos estes factos concorreram para que a influencia da pintura italiana fosse, pouco a pouco, penetrando em Portugal.

A acção, porém, da arte neerlandesa continuava a fazer-se sentir; e, meado já o século XVI, affirma-se, no retrato, uma escola flamengo-portuguesa, em que é manifesto o influxo de Antonio Moor, ou Moro, que esteve em Portugal e na Hispanha e retratou D. João III e a rainha D. Ca-

tharina ⁽²⁾. Distinguem-se nessa escola Affonso Sanches Coelho, Christovam Lopes e Christovam de Moraes.

Mais conhecido em Hispanha, onde trabalhou muito, Sanches Coelho (1531-1588) nasceu e foi educado em Portugal ⁽³⁾, tendo ido depois completar a sua educação em Flandres. Delle possui o Museu Nacional de Arte Antiga os retratos de uma princesa e de um joven cavalleiro. Perdeu-se o de D. Sebastião, que pintou quando estava ainda em Portugal e foi enviado á mãe dêsse príncipe, já então em Madrid, no convento das Carmelitas descalças, fundação sua.

Christovam Lopes, filho e discipulo de Gregorio Lopes e, segundo Palomino, discipulo também de Sanches Coelho, foi pintor regio desde 1550. E' o auctor dos retratos de D. João III e D. Catharina do Museu Nacional de Arte Antiga, do côro superior da igreja da Madre de Deus e de S. Roque. Parece ter estudado também na Italia.

De Christovam de Moraes encontrou o sr. dr. José de Figueiredo em Madrid, no referido convento das Carmelitas descalças, dois retratos de D. Sebastião, um delles assignado. O Museu N. de Arte Antiga possui também um retrato dêsse malogrado príncipe, que deve igualmente ser de Christovam de Moraes.

Entretanto, a influencia do romanismo tornava-se, de dia para dia, mais intensa.

Vasco Pereira, de quem a Hispanha possui obras e o Museu Nacional de Arte Antiga um quadro de pequenas dimensões, é já um *maneirista*. Os nossos pintores, como, aliás, os de quasi todos os outros países, procuravam apenas imitar os grandes artistas da Italia.

Outubro de 1918.

D. JOSÉ PESSANHA.

(2) Existe em Madrid o retrato de D. Catharina. O do rei ardeu. Desses retratos, ha copias, replicas e talvez, até, replicas de replicas.

(3) A naturalidade portuguesa de Affonso Sanches Coelho foi irrefutavelmente estabelecida pelo auctor destas linhas em face de um documento do Archivo Nacional. Vide *Archivo Historico Português*, I, 431.

O HOTEL CENTRAL

TERMINOU o velho *Hotel Central* que durante meio século reteve a primeira sociedade lisboeta, e abrigou as maiores individualidades que tem vindo ao nosso paiz.

Tomou-o ha dias de trespasse o sr. Fausto de Figueiredo, para ali instalar os escriptorios da Sociedade Estoril, e varios outras casas a que o seu nome anda ligado.

A NAVEGAÇÃO AEREA

O GRANDE PROBLEMA DO FUTURO

III

CONTINUAMOS hoje descrevendo as impressões que temos recolhido das notícias estrangeiras sobre a marcha d'esta interessante questão, que, sem duvida alguma, ha de constituir, depois de assignada a paz — o que parece estar para breve — um especial motivo das atenções mundiaes.

Tantos foram os progressos registados na aviação durante estes quatro anos de guerra que, em pouco tempo, esse meio de locomoção deixará de ser classificado como uma utopia e passará a ter o valor palpavel das coisas praticas.

Isso avalia-se pelo entusiasmo intenso com que, nos paizes cujos recursos mais favorecem a realização d'essa idéa, se está procedendo ás experiencias dos ultimos estudos, para, logo que terminem as negociações da paz e no ar haja a liberdade de circulação, se ensaiarem os primeiros vôos de iniciativa da nova forma de transportes. E enquanto uns se dedicam afincadamente á resolução das equações mathematicas e algebricas para o estabelecimento da estabilidade dos aparelhos, na sua futura applicação a transporte de passageiros e de mercadorias, outros dedicam-se a elaborar os projectos da respectiva legislação, a fim de que na devida oportunidade a circulação aérea se possa fazer legalmente regulada.

Desde 1912, a Federação Aéronautica Internacional tem-se dedicado ao estudo d'essa importantissima questão, no Congresso de Vienna.

A «*Semaine Judiciaire*», da Suissa, publicou, ha tempo, um belo artigo, firmado por M. Edmond Pittard, bacharel formado em direito, no qual este ilustre publicista procurou insinuar as bases sobre que deve assentar o direito da circulação aérea. N'esse substancioso estudo, o douto professor, abordando diferentes pontos indispensaveis á constituição d'um código especial para regular a nova forma de transportes pelo espaço, salientou a necessidade absoluta de n'ele incluir-se, como principio, a noção da altura, apesar de isso colidir com uma apreciavel quantidade de usos e preceitos juridicos. Porem, apesar da circulação aérea se poder, em questões de direito, até certo ponto — principalnte em razão dos ventos — assimilar á nave-

gação marítima, ha que atender á esphera ou ao campo de acção em que esses transportes se exercem, como principio fundamental para toda a concenrente legislação.

Um outro ponto sobre que tambem incidiu a apreciação d'esse estudioso articulista, é a questão da circulação sobre a esphera das propriedades particulares, ás quaes deverá ser concedido um limite natural, como se acha estabelecido para as aguas territoriaes de cada paiz.

Emfim, n'esse longo enunciado, encontram os que agora estão profundando o estudo, elementos de inquestionavel valôr para poderem chegar a um termo tanto quanto possivel viavel.

E' evidente que, segundo a lei natural das coisas, o primeiro código da circulação aérea não será uma obra completa, e como tudo o mais que é da iniciativa do homem ha de ser sujeito a rectificações; mas estas apenas a pratica as poderá indicar. E só depois d'ela dar a conhecer os casos que tenham sido omitidos e sobre os quaes se imponha a necessidade d'uma especial regulamentação, se conseguirá aperfeiçoar esse trabalho, que, seja porque forma fôr apresentado, constituirá sempre uma obra de valôr.

No mez de junho de 1913 reuniu-se em Bruxellas a conferencia da Federação Internacional de Aeronautica, na qual a Suissa se fez representar pelo seu Aéro-Club.

N'essa conferencia foram tomadas diversas resoluções bastante interessantes para a aviação internacional, e entre elas as seguintes, que damos a titulo de curiosidade:

«Os balões e os aviões beneficiarão, para a passagem sobre as fronteiras, do regimen do *triptyque*, sempre que se limitem a transportar passageiros e instrumentos. Desde que transportem mercadorias, deverão gozar do beneficio especial d'uma licença de circulação, passada pelo paiz onde se achem inscriptos. Para transportar as fronteiras, cada piloto deverá ser possuidor d'um boletim d'alfandega, que lhe será concedido antes da partida, contra a entrega da licença de circulação.

«Quando da *atterrissage* em paiz estrangeiro, as autoridades locais concederão um salvo conducto, de pois dos direitos aduaneiros estarem devidamente liquidados.»

E' claro que quando a circulação aérea se achar manifestamente pratica, a acção dos postos nas fronteiras ficará *ipso-facto* eliminada, pois não é admissivel que se faça aterrar os dirigiveis por um mero capricho das formalidades aduaneiras.

A fiscalização da alfandega não deve ser exercida senão nos campos de «atterrissage»; e no estado actual da perspectiva da pratica locomoção pelos ares, ela só poderá realizar-se em campos apropriados.

Desde já, porém, pode prevê-se — como um facto de realização imprescindivel depois de se entrar no socego mundial — a instalação de vastos aerodromos nas regiões fronteiriças dos diversos paizes, os quaes deverão ser dirigidos por autoridades militares, para que todos os serviços, incluindo os aduaneiros, que n'elles deverão ter um posto especial, se façam não só com regularidade, mas tambem com celeridade.

Sobre as considerações de varia ordem que foram abordadas com entusiasmo na Conferencia de Bruxellas, escreve o Sr. d'Everstag, Secretario do Aéro-Club Suisso:

«Limitar-me-hei a fazer notar que o adagio, tido como um axioma até 1913 — *o ar é livre*, recebeu, em virtude dos acontecimentos posteriores, o mais cabal desmentido.

Para só falar na Suissa, o Conselho Federal, depois do primeiro dia de guerra, adoptou o principio de que a soberania d'um estado se estendia sobre a columna d'ar correspondente ao seu prodominio em terra firme, e que o territorio Suisso estava limitado no espaço, tanto como o raio maximo descripto desde o natural eixo dos seus dominios.

«O que porém, nos interessa, é a circulação propriamente dita. Regras especiaes devem ser estabelecidas, principalmente por causa das colisões aéreas, embora possa parecer extraordinario que elas se produzam no ar. Mas como em virtude de diversos factores é muito frequente o encontro, ha necessidade de se tomarem disposições especiaes, consistindo uma d'elas na divisão da atmosfera em camadas correspondentes á velocidade dos aviões e ao serviço que eles desempenhem.

«Quanto a mim — prosegue o Secretario do Aero-Club-Suisso — não prevejo um grande futuro aos dirigiveis. Penso, todavia, que o seu emprego se fará ainda durante alguns anos depois da guerra, principalmente como meio de prazer para excursionistas. A respeito dos aviões, parece-me que embora não possam ser praticamente em-

pregados em transportes, especialmente de mercadorias, o seu futuro é esperançoso. O caminho de ferro será sempre, para aqueles transportes, o meio mais fácil, económico e prático, independentemente da via marítima, que será, ainda, a que mais lucrará com a abundância dos transportes que, depois da guerra, afuirão a todo o mundo, por ser a mais económica de todas.

«Tenho porém a convicção — diz ainda o Sr. d'Everstag — que, em menos de dez anos, o avião será o veículo preferido para os transportes rápidos dos homens de negócio e do correio.

«Penso, também, que a existência dos grandes navios aéreos, atravessando os oceanos, os grandes continentes e agitando a vida económica dos países, será um facto, assim como admitto a possibilidade mais do que provável de que em Londres se distribuam, à tarde, os jornais publicados de manhã em Roma; do mesmo modo que as flores do meio-dia da França chegarão a Paris três ou quatro horas depois de serem colhidas.

«Assim, a viagem de Paris a Londres e volta, far-se-ha em meia dúzia de horas; o que, para os grandes commerciantes, industriaes e bolsistas representará um apreciável benefício e produzirá, certamente, uma enorme revolução no mundo financeiro. E então, como nunca, o proverbio inglez *time is money*, terá uma pratica applicação, pois que, sem duvida, nenhum banqueiro hesitará em fazer a despesa, por maior que seja, para se transportar rapidamente e a qualquer hora entre Paris, Londres, Berlin, Francfort, Zurich, Madrid, etc., desde que anteveja, nos negocios que tiver a realizar, vantagens compensadoras.»

No fim das suas considerações aconselha o Sr. d'Everstag, uma intimidade de trabalhos entre os Aero-Clubs e os Touring-Clubs, persuadido como está de que a navegação aérea será, também, o meio de transporte preferido pelos *touristes*.

N'este ponto discordamos das opiniões do illustre Secretario do Aero-Club Suíço, simplesmente pelo facto de pensarmos que, embora quem viaje por prazer, goste de experimentar as mais extraordinarias comoções, estas nunca se sobreporão ás comodidades exigidas constantemente pelos viajantes por recreio e, muito menos, ainda, pelos que por necessidades physicas tenham de se deslocar.

Parece-nos, no entanto, que a viação aérea será de muita utilidade para a vida económica dos países nas suas relações externas; e assim virá a ser frequentemente aproveitada pelos ho-

mens de negocios, banqueiros, commerciantes e industriaes. Representará também um grande beneficio para os correios e será proveitosamente utilizada pela imprensa.

DO ESTRANGEIRO

Paris, Novembro de 1918.

Os prenuncios da paz veem de agitar todo o mundo. A vida da França, até aqui feita de entusiasmo pelo sacrificio, na mais voluntaria e compungente das obrigações, na mais sublime e estoica abnegação pelo sentimento patriótico-alma de toda esta grande e incomparavel nação, acaba de sofrer uma funda modificação. Não é já a incerteza da victoria; não é a hesitação da realidade d'uma esperança alimentada simplesmente com o calor d'esse forte patriotismo que incendiou os corações francezes e que lhes acalentava a convicção no resultado d'esta phantastica luta; agora, é a plena convicção e a certeza absoluta que inflama esse patriotismo, tanto mais animado até o delirio, quanto mais se faz ouvir a voz dos aliados, dictando as formulas do armistício proposto pelos imperios centraes.

—Que extraordinaria modificação se operou em toda a França!

Quem diria, antes da grande America se pronunciar, qual seria o termo d'esta luta, em face das posições dos combatentes?!

Mas a acção calculada e ponderadissima dos yankees manifestou-se na oportunidade mais favoravel ao reconhecimento do seu auxilio, para a satisfação dos seus desejos; sim, porque ninguém, certamente, teria a velocidade de prever que a grande republica norte-americana, apesar de defender em todo o sempre, a doutrina instituida por Monroe e que é, por assim dizer, o seu dogma, assistiria impavida ao desenrolar de todas as phases da calamidade que tem assolado o mundo em quatro anos consecutivos, e não aproveitaria o ensejo para obter a satisfação dos seus mais caros desejos. E certamente que o resultado do seu esforço irá muito além do que ela mesmo poderia prever.

—E' que a successão de factos, auxiliando poderosamente a influencia mystica das estrelas do seu estandarte, tem proporcionado o terreno do seu breve dominio, que, por ora, está ainda envolto nas doçuras humanitarias, que tão grande estão tornando a auréola do presidente Wilson.

Mas... esperaremos e veremos então se a America é simplesmente para os Americanos e o resto do mundo para todos, ou quem será o *Presidente do Conselho de Administração* da futura sociedade das nações, se os seus estatutos forem aprovados...

Emfim, isto são apreciações mais do aspecto politico actual do que propriamente do interesse da *Revista de Turismo*; e como as chronicas politicas são mais bem cabidas em outras Revistas, passarei a examinar os aspectos que mais possam interessar aos leitores, no que respeita ao que por cá se passa sobre turismo.

Assim direi que a vinda dos americanos á França para o engrossamento dos exercitos aliados, facilitou consideravelmente a realisação do mais entusiasta pensamento francez — a efectivação d'uma super-abundante colonia «yankee» em França.

Não se dirá, sem duvida, que os francezes não tenham o espirito da previsão,

São estas as impressões que achámos nos muitos e variados artigos e estudos que as Revistas estrangeiras, principalmente ás da especialidade, inserem em largas e estiradas columnas.

tantos são os motivos que o veem confirmar; o que ha de admiravel em toda a sua obra para o futuro resurgimento da França é, além da mais continua persistencia, a finissima habilidade com que se fazem conduzir em todos os transes da sua vida.

Por isso, muitas vezes succede-lhes que o resultado esperado lhes apparece, sob a forma d'uma espontaneidade, antes de, pela intensidade da sua acção, o tornarem obrigatorio.

E quando as coisas correm bem, tudo lhes facilita os desejos.

Assim succedeu com a vinda dos americanos á França, que não representa, apenas, um extraordinario beneficio para o presente, mas uma incomparavel vantagem para o futuro.

Ninguém como os francezes sabe atrahir, captivar, seduzir. E é no poder da sua sedução que está todo o seu segredo.

Por isso, a vinda dos americanos á França veio facilitar consideravelmente a tarefa que os francezes se tinham imposto. Uma vez aqui, eles nunca mais sahirão, porque, embora ainda não estejam saciados d'um bem-estar, já outro lhes será oferecido, e assim successivamente até que se chegue ao convencimento de que os americanos já não podem viver senão na França, onde eles encontram tudo o que querem e ainda se lhe apresentará o que não esperavam.

Mas isso não basta; porque embora se calcule que a capitalisação dos incontaveis dollars amontoados durante o periodo d'esta guerra se desfaça n'uma corrente ininterrupta para os Bancos de França, a sadiade da rehabilitação exige que esses bancos venham a ser os depositarios das disponibilidades mundias. N'esse sentido se trabalha afincadamente.

O seu resultado é, porém, facil de prever; e não seremos profetas predizendo que, pouco tempo depois de assignada a paz, uma população verdadeiramente cosmopolita ha de inundar a França em todos os sentidos e n'ela ha de deixar o melhor de todas as suas economias e o montante total das despesas de viagens que forem previstas.

E' esse o unico pensamento que agora aencia os *economistas* francezes que á causa da exploração da industria de Turismo tem dedicado o melhor do seu esforço, da sua intelligencia e da sua dedicação patriótica.

Eis, em resumo um tanto ou quanto dilatado, as impressões que se colhe presentemente na grande capital do mundo civilizado.

EXPEDIENTE

Em razão do augmento das taxas de cobrança por intermedio do correio, solicitamos aos nossos estimaveis assignantes que ainda não satisfizeram a importancia, das suas assignaturas relativas ao semestres corrente, a fineza de remeterem á nossa Administração, Largo Bordoal Pinheiro, 28, o que muito agradecemos.